

**O SABER E O AMOR TRANSFERENCIAL: na vida e na prática analítica, o
sujeito é capaz de renunciar ao gozo para saber?**

*LuizaPessin**

RESUMO: O presente artigo procura evidenciar um novo direcionamento para a questão do amor de transferência. A tese de Lacan é que aquele a quem se supõe um saber se ama: o analisante coloca o analista na posição de sujeito suposto saber.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Desejo. Sujeito Suposto Saber. Transferência.

*Psicóloga, formada pela Universidade Do Rio dos Sinos, Especialista em problemas do desenvolvimento na infância e na adolescência pelo Centro de Estudos LydiaCoriat. Endereço: Av. Independência, 1100, Ao. 304. Bairro: Independência, Porto Alegre. CEP: 90035-073. E-mail: luizapessin@gmail.com

Introdução

Freud (1912b/2006) situa a transferência como amor transferencial. Assim, não é eventualidade que o conceito de transferência em psicanálise está atrelado à expressão "amor de transferência". Trata-se de uma transcrição de observações clínicas, em que o amor, enquanto repetição significativa fixa-se na figura do analista. Entretanto, essa expressão não significa apenas a presença do afeto amor em relação ao analista, trata-se da manifestação de um conjunto de fenômenos produzidos pelo analisante que, juntamente com o silêncio do analista, determinarão uma estrutura para a transferência.

Lacan (1967-68/2001) refere que é a partir da análise pessoal que o sujeito pode se tornar um analista para *outrem*. Vê-se assim a articulação entre a prática psicanalítica, inconsciente e linguagem, pois se trata da conquista do saber inconsciente, saber que só se produz por meio da linguagem. Também pode-se deslumbrar que analista e analisando possuem a mesma estrutura, são feitos e efeitos da linguagem.

Portanto, a transferência é sempre uma operação indireta. Lacan (1967-68/2001) afirma que a lógica da transferência está articulada com a lógica da constituição do sujeito. Assim, a operação transferencial, da mesma forma que a constituição do sujeito, se efetua somente pela linguagem e tem a dimensão do Outro sempre presente.

A afânise do inconsciente

Freud (1905c/2006) procura o inconsciente nos tropeços: no sonho, no ato falho, no chiste. Ele esclarece que nessas manifestações há algo que quer se realizar e que se apresenta como um achado - aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando mais e menos do que esperava. Esse achado, fala Freud (1905c/2006), é um reachado, porque sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda. Assim, em bases freudianas, o fenômeno do inconsciente tem como forma essencial a descontinuidade, na qual alguma coisa se manifesta como vacilação.

Lacan (1964/1985) em "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", retoma a tendência dos analistas pós-freudianos de colocar essa descontinuidade sobre o fundo de uma totalidade. Ao retomar esse ponto ele questiona: será que o um é anterior à descontinuidade?

Diz ele que se trata de uma falsa unidade, esse “um que é introduzido pela experiência do inconsciente é o um da fenda, do traço, da ruptura” (LACAN, 1964/1985, p. 30). Portanto, o inconsciente se apresenta na descontinuidade, como fala Freud (1905c/2006), mas ele não se funda na concepção de inconsciente, como uma unidade que se funda no recalçamento. É nesse sentido que Lacan (1964/1985) diz que o inconsciente freudiano não é simplesmente este obscuro, ou este arcaico e que não há um inconsciente absolutamente sem sujeito (e, portanto anterior ao recalçamento).

Bérges e Balbo (2003) escrevem que, quando a mãe faz a hipótese de que há um saber no filho, ela lhe demanda identificar-se a um sujeito suposto saber, quer dizer, dessa suposição nasce um novo sujeito que não é aquele que nada sabe, “a hipótese fundamental da demanda que ela lhe supõe é a de tornar-se um novo sujeito” (BERGÉS; BALBO, 2003, p. 94), sendo essa também a demanda que ele formula a sua mãe. Assim, por identificação, a mãe faz a demanda em seu nome, demanda que também é de seu filho.

Uma mãe absolutamente convencida de que a demanda que ela suporia seria tão verdadeira que a própria resposta que daria, seria ela mesma, sem distância, pode não dar à criança o acesso à divisão fundamental do inconsciente que fala Lacan (1964/1985). Ele nos diz que o sujeito nasce dividido, pois o fenômeno do inconsciente tem como forma essencial a ruptura. Com efeito, como referem Bergés e Balbo (2003), o sujeito é constituído a partir de uma suposição materna de saber no filho, percebe-se assim que é nessa suposição que está dimensionada a divisão do inconsciente.

Cita-se Lacan (1964/1985), para refletir sobre esse aspecto fundamental do inconsciente:

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimidação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável - ele me diz isso, mas o que é que ele quer? (p. 203).

Com essa pergunta, que faz Lacan (1964/1985), “o que ele quer?”, o filho explicita um distanciamento entre a sua demanda e a de sua mãe. Bergés e Balbo (2003) afirmam que, na neurose a mãe jamais responde ao filho nem verdadeira nem completamente, uma vez que ele também é barrado. Como diz Lacan (1964/1985) no trecho citado, há uma falta no discurso da mãe. Falta que diz respeito ao seu inconsciente e que introduz o filho a ser não-todo.

Lacan (1960-61/1992) nos diz que “o lugar do desejo permanece manifestadamente, até certo ponto, na dependência da demanda do Outro” (p. 217). É nesse ponto de falta, de

desconhecimento, que se constitui o desejo do sujeito, no que o desejo da criança está para além ou para alguém no que a mãe diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido:

O desejo do Outro, é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os porquês? Da criança testemunham menos de uma avidez da razão das coisas do que constituem uma coloração em prova do adulto, um por que será que você me diz isso? Sempre re-suscitando de seu fundo, que é o enigma do desejo adulto (LACAN, 1964/1985, p. 203).

Bergés e Balbo (2001) referem que o desconhecimento é o significante mestre e que esse desconhecimento é significado pela teoria sexual infantil, que tenta substituir o significante da morte. Notam também que as teorias sexuais infantis são feitas, para que o desconhecido se preserve e se desmascare, para que o sujeito se aliene no desconhecimento e escape dele. Assim, pelo efeito da fala do Outro, o sujeito se faz dividido, porque o discurso da mãe ao mesmo tempo em que vem a fazer corte a esse corpo sem limite, sem borda, sem significante, faz valer o desconhecimento.

Pode-se então dizer que ao fazer a hipótese de um saber em seu filho, se constitui a relação entre o significante mestre (S_1) e um saber (S_2). O desconhecimento, por um lado, e o saber que procede de uma teoria sexual infantil, por outro, sejam S_1 e S_2 , são aquilo pelo que o sujeito se funda, visto que S_2 procede do desconhecimento constitutivo do sujeito, desconhecimento que para ele é fundador (BERGÉS; BALBO, 2001). É no intervalo entre esses dois significantes, S_1 e S_2 , diz Lacan (1964/1985), que vige o desejo, ele liga S_1 e S_2 .

O sujeito suposto saber

Lacan (1967-68/2001) diz que o ponto de partida de toda psicanálise é o sujeito cartesiano revisitado pela lógica da alienação, “ou eu não penso, ou eu não sou”. Ou seja, no caso: ou não penso, ou não sou, negação do *Cogito ergo sum* de Descartes, que Lacan (1967-68/2001) refere como o início do processo analítico, a operação de disjunção está a prova. A tarefa analítica, como diz Lacan (1967-68/2001), se delinea a partir desse ponto do sujeito já alienado, porém em certo sentido ingênuo em sua alienação. Ora, a partir do inconsciente freudiano, o “eu” já não sabe mais o que pensa, e menos certeza ele tem do que ele é!

O sujeito suposto saber foi por Lacan (1967-68/2001) definido como a posição de partida necessária da prática psicanalítica. O ponto de chegada, segundo Lacan (1967-68/2001), seria o sujeito suposto saber colocado em um vazio central que dá lugar ao desejo

como resto da operação da transferência. Só aí o sujeito se afirmaria como sujeito do desejo. Note-se que Lacan (1967-68/2001) acrescentou também neste lugar de sujeito de desejo, o objeto (- ϕ), ao que tudo indica representando a castração simbólica.

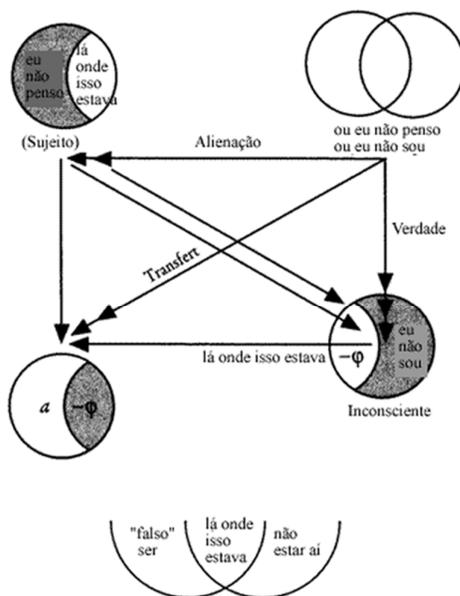
Portanto, Lacan (1967-68/2001) pontua que, desde que haja em algum lugar sujeito suposto saber, há transferência. No fragmento que segue, retirado de “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, Lacan (1964/1985) articula essa posição de sujeito suposto saber com o desejo:

Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente. É por isso que eu digo [...] que o desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo, graças ao qual se aplica o elemento-força, a inércia, que há por trás do que se formula primeiro, no discurso do paciente, como demanda, isto é, a transferência (p.222).

Nesse trecho, Lacan (1964/1985) aponta que o analista é sujeito suposto saber do desejo. Lacan (1964/1985), em outro momento da obra diz que o desejo é o desejo do Outro, portanto da mesma maneira que o filho questiona a mãe “o que você quer afinal?”, o analisando toma a posição em relação ao analista: o que ele quer? Dessa maneira o sujeito suposto saber se articula ao desejo, o sujeito supõe que o analista sabe de seu desejo.

Lacan (1960-61/1992) em “A transferência” retoma “O banquete” de Platão, para lançar mão do conceito de transferência. Nessa obra, Lacan (1960-61/1992) lembra que Alcibíades quer se tornar amável junto a Sócrates, para lhe roubar seu desejo. Nesse caso, não é o outro que é desejado, mas o desejo do Outro. O que está em jogo no embuste do amor de transferência é alguma coisa que, sem que o sujeito o saiba, procura captar esse objeto *a* no desejo do analista. Assim, pelo simples fato de haver transferência, o sujeito suposto saber está implicado na posição de ser aquele que contém o objeto *a*, o objeto fundamental de que se trata na análise do sujeito, pois é causa de desejo.

Lacan (1967-68/2001) introduz em “O ato psicanalítico” uma estrutura quadrangular (grupo de Klein)², gerada a partir da projeção de um tetraedro. Tem-se nessa estrutura quatro lugares (nos vértices) e três operações designadas: transferência, alienação e verdade. As operações culminam nos vértices apontados pelos vetores:



Grafo 1 Grafo da alienação

Através desse grafo, Lacan (1967-68/2001) tenta mostrar a passagem do sujeito suposto saber a um lugar vazio. Diz ele que o analista sabe que ele não é o sujeito suposto saber, mas que é da passagem desse lugar para a posição de *des-ser* que o analista dá corpo ao que esse sujeito se torna, sob a forma de objeto pequeno *a*. Victora (2006) vem ao encontro e diz que essa passagem é o ponto essencial da análise e que o resultado do “*des-ser*” do analista, descendo para algum lugar deserdado do *glamour* de tudo saber, abrindo lugar para a falta, o que provoca desejo no analisando, surgindo o objeto *a*. Assim, pelo que diz Victora (2006) e Lacan (1967-68/2001), a função da alienação, que estava no início da análise, e que fazia com que partíssemos do vértice, no alto à esquerda, de um sujeito alienado, encontra-se no fim igual a si mesma, ou seja, o sujeito se realizou, em sua castração, pela via de uma operação lógica, se realizando senão como falta (-φ).

Lacan (1967-68/2001) lembra que, o sujeito suposto saber não faz barreira ao saber constitutivo do sujeito. Logo, é preciso que o analista, de certa forma, possa ser bobo e também não-bobo, que essa suposição de saber se mantenha por algum tempo, mas que depois possa cair para que o saber inconsciente, que é constitutivo do sujeito venha à luz. O saber que está em jogo na transferência é aquele no qual não se crê, do qual não se quer saber nada. É a partir desse saber inconsciente, que o analisante formula suas demandas implícitas ou explícitas ao analista. Bergés e Balbo (2002) dizem que o analista não pode responder à

demanda do analisante, porque a demanda diz respeito à necessidade de amor, necessidade que não se coloca a partir da noção de pulsão, “o amor ‘objeto *a*’ da necessidade é também o que faz o objeto de uma demanda” (BERGÉS; BALBO, 2002, p. 72).

Refere-se, baseado em Bergés e Balbo (2002) que o analista está na posição (no que diz respeito à neurose) de não responder à demanda. Portanto, precisa-se compreender o que está para além e para quem da demanda. Lacan (1960-61/1992) diz, respectivamente, que é o amor e o desejo.

Lacan (1960-61/1992) e, posteriormente, no mesmo sentido que Bergés e Balbo (2002), diz que “toda demanda, pelo fato de ser fala, tende a se estruturar no seguinte: no fato de que ela atrai do outro sua resposta invertida” (p. 201). Ele cita como exemplo a alimentação do bebê, dizendo que é para que o desejo não se sacie que o sujeito que tem fome não se deixa alimentar. É também o caso do salmão defumado, que traz Cabral (2000), cuja analisante de Freud adverte que nenhum salmão defumado existente sobre a Terra poderia suprir o seu desejo de salmão defumado. O que está em questão aqui é saber a serviço de que está o analista: do bem?

Sobre o bem, Lacan (1959-60/1997) adverte que ele pode ser considerado uma ciência falsificada e que a cada instante o analista deve questionar-se sobre sua relação efetiva com o desejo de fazer bem, o desejo de curar. Diz ele ainda que o bem está sempre suscetível de desencaminhar o analista, devendo ele estar alerta contra a falcatura benéfica do querer-o-bem-do-sujeito. Cabral (2000) também refere que a posição do analista supõe um lugar de “além” do Bem e dos ideais das práticas sociais, distanciando-se assim da posição “do fazedor do Bem”. Questão que se refere também à negação da demanda por parte do analista. A uma demanda o analista deve responder com desejo e não baseado em pressupostos do bem!

Lacan (1959-60/1997) refere que os bens mascaram o desejo. Em outro momento, na mesma obra, ele lembra que o desejo do homem de boa vontade é de fazer o bem, e aquele que vem ao encontro do analista, é para encontrar-se bem, para se encontrar em concordância consigo mesmo. Ora, já foi falado aqui sobre a dialética do inconsciente, o que, portanto, elucida a discordância entre a prática do bem e a analítica. Cabral (2000) lembra que o “fazedor do Bem”, em seus extremos, pode constituir-se um mal para o outro. Ele traz um belo conto de Wilde em que narra um hipotético retorno de Jesus à Terra. Nesse retorno, Jesus deseja ver os efeitos das graças outorgadas. O conto ilustra a posição de benfeitor, que é de autoridade e de controle, interpelando aos beneficiários o uso que fazem do Bem outorgado.

Portanto, ao responder à demanda, ou ao desejar fazer o bem, o analista corre o risco de desencaminhar-se dos objetivos de uma análise. Tendo a análise haver com a conquista de um saber inconsciente, o bem e a demanda podem nos levar a esse caminho. A demanda é o que está aquém do desejo, o bem é a máscara que ele, por vezes, usa. Assim, a demanda e o bem circulam a temática da experiência analítica, problemáticas com as quais o analista precisa questionar-se a fim de que um trabalho analítico seja sustentado.

Freud (1908c/2006), em “Sobre as teorias sexuais”, refere que na psicanálise de neuróticos, o saber proveniente da primeira infância vem à luz, saber que o sujeito aparentemente não sabia. Quando o analista supõe a incapacidade do analisante em aceder, ele mesmo, a seu saber inconsciente, ele estabelece entre S_1 , que ele fornece ou que ele injeta por meio de suas intervenções e o S_2 do paciente uma relação de imediaticidade, quer dizer, sem mediador, e, portanto, sem corte. Bergés e Balbo afirmam em: “A atualidade das teorias sexuais infantis” (2001), “Jogo de posições da mãe e da criança” (2002) e “Psicose, autismo e falha cognitiva na criança” (2003), a importância do transitivismo da mãe na constituição do sujeito, bem como, na análise, da suposição de saber no analisando para que esse saber venha à luz.

Quando no tratamento, do lado do psicanalista a questão é desalojar os significantes da criança, trata-se de significantes recalcados; de modo que os significantes da interpretação do analista devem encontrar aqueles do grande Outro do filho e não os significantes do grande Outro da mãe ou do inconsciente materno (BERGÉS E BALBO, 2003, p. 21).

Bergés e Balbo (2002) referem que tratamentos com bases no narcisismo têm como primeira consequência uma alienação do desejo e uma quase-exclusão do sujeito. Essa recusa do saber inconsciente do analisante, causada pela forma do tratamento, não viria a substituir a ignorância do sujeito sobre seu saber inconsciente? Nesse caso, o analista não se comportaria como uma mãe que não transitiva jamais, que nunca faz a hipótese de que seu filho demanda saber?

Considerações Finais

Com a topologia do grafo mostrada, Lacan diferenciou e articulou desejo e demanda de amor. Lacan deu outro sentido para o amor de transferência de Freud, revelar ao sujeito o objeto de seu desejo a partir da demanda de amor.

Portanto, “o amor de transferência” visa um lugar onde se situa o possível saber do analista. Ressalto que a transferência não só faz referência ao saber, mas, sobretudo, à suposição de saber. Esse lugar de sujeito suposto saber é impossível, pois, analista e analisante possuem a mesma estrutura, supõe-se um saber num sujeito ele próprio suposto. Se o inconsciente é um saber articulado a um desconhecimento, então não distinguimos mais, logicamente, o sujeito do inconsciente do sujeito suposto saber.

O analista responde à transferência com uma aparente impostura. Esse lugar que o analista sabe ser impossível, o lugar de saber, também se caracteriza assim, pois existe um ponto onde não se pode saber, que diz respeito ao desconhecimento do sujeito. O sujeito desejante assume fundamentalmente a posição da falta, pois em sua constituição, em torno de seu desconhecimento se articulou o discurso do Outro que o marcou pela via da falta, do desejo. Dar o sentido do Real para a transferência, significa desvelar ao analisante que o amor dito transferencial, ou seja, que o amor endereçado ao saber do analista, engana-se.

A experiência analítica é realizada pelo sujeito da e na linguagem, mostrando que o gozo é interdito a quem fala. O sujeito está envolto com a questão de saber como recuperar o gozo, o qual foi interdito pelo discurso, introduzindo a falta, portanto o desejo. Assim o sujeito vem à análise pedir ao analista um saber sobre seu ser, pedido de recuperação do gozo e de eliminação de sua divisão subjetiva. Entretanto, o analista não responde a essa demanda, ao amor do analisando, responde sim com seu desejo de saber. Desse modo, o analista conduz o sujeito a renunciar ao seu ser (gozo) e ficar com a castração (desejo) e, nesse momento lógico, o gozo cede lugar ao desejo.

“Em suma, a análise é a única *práxis* na qual o encanto é um inconveniente. Quebraria o encanto. Quem já ouviu falar em num analista encantador?” (LACAN, 1960-61/1992, p. 22)

Referências

BALBO, J.; BERGÉS, G.(2001). *A atualidade das teorias sexuais infantis*. Porto Alegre: CMC, 2001.

_____. *Jogo de posições da mãe e da criança: ensaio sobre o transativismo*. Porto Alegre: CMC, 2002.

_____. *Psicose, autismo e falha cognitiva na criança*. Porto Alegre: CMC, 2003.

CABRAL, A. (2000). O desejo do analista, além da posição do “fazedor de bem” (benfeitor). In: *Recortes de Psicanálise*. São Paulo: Parêntese.

FREUD, S. (1905c[2006]). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira (V.III)*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1908c[2006]). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira (V. IX)*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1912b[2006]) A dinâmica da transferência. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standart brasileira (V. XII)*. Rio de Janeiro: Imago.

LACAN, J. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2a.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. (1960-61). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. (1967-1968). *O ato psicanalítico*. Porto Alegre: Escola de Estudos Psicanalíticos, 2001.

VICTORA, LG. A lógica do ato psicanalítico. In: *Correio da APPOA (149)*. Porto Alegre, APPOA, 2006.

THE KNOW AND THE TRANSFERABLE LOVE: in the life and in the analytical practice, the customer is apt to revoke of the enjoyment for know?

ABSTRACT:

The present article search show up a new direction for the question about the transfer of love. The Lacan's thesis is that who's suppose a know if love: the analysis put the analyst in the position of so-called know customer.

KEYWORDS: Love. Desire. So-called know customer. Transference.

LE SAVOIR ET L'AMOUR TRANSFERT: au quotidien et pendant les sessions d'analyse, le sujet est capable de renoncer la jouissance pour le savoir?

RESUMÉ

Cet article essaie de mettre en évidence une nouvelle direction à la question de l'amour transfert. La thèse de Lacan est que celui qui suppose le savoir est aimé: le patient voit l'analyste comme "sujet supposé savoir".

MOTS CLEFS: Amour, Désir. Sujet Supposé Savoir. Transfert.

Recebido: 09.09.2013

Aprovado: 10.12.2013

©2013 Psicanálise& Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.brwww.psicanaliseebarroco.pro.br/revista